



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

JORNALISMO E PRODUTOS DE ENTRETENIMENTO: OS TRANSBORDAMENTOS DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

BIBIANA DE PAULA FRIDERICHES; bibiana@upf.br¹

ANDRESSA DALL'AGNOL; andressadallagnol76@gmail.com (coautor)²

RESUMO

O objetivo da pesquisa é estudar a dinâmica da sociedade do espetáculo quanto às relações entre o jornalismo e a espetacularização no caso do transbordamento das notícias sobre crimes hediondos, ao longo do século XX. Para isso realizaremos uma revisão bibliográfica narrativa, combinada a uma análise comparada entre os fundamentos teóricos encontrados: noticiabilidade versus sociedade do espetáculo. As matrizes teóricas que nos orientam são as reflexões de Traquina (2005), Debord (1997), e Kellner (2001). Associado a esta discussão apresentamos, como evidência histórica, uma *timeline* de crimes de grande repercussão, que historicamente transbordaram a esfera do jornalismo convertendo-se em produtos de entretenimento audiovisual, como filmes e séries. Como resultado deste estudo, identificamos possíveis repercussões do transbordamento para o jornalismo e para a sociedade, como o distanciamento entre os produtos midiáticos e o real provocado pela espetacularização.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Espetacularização; Cultura da Mídia.

1. INTRODUÇÃO

A cobertura jornalística de crimes hediondos³ sempre se destacou nos meios de comunicação, ocupando espaços relevantes no cotidiano da sociedade. Antes mesmo

¹ Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Titular do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo (UPF). Coordenadora do Curso de Jornalismo.

² Jornalista formada pela Universidade de Passo Fundo.

³ De acordo com o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), os crimes hediondos são infrações, consideradas pelo legislador, de elevada gravidade, seja pela sua natureza ou pela forma como foram cometidos. Nessas hipóteses, conforme o próprio órgão destaca, “não há possibilidade de fiança, anistia, graça ou indulto” (TJDFT). A lei 8.072/1990 qualifica quais tipos de crimes são considerados hediondos, entre eles estão presentes: homicídio, feminicídio, estupro e genocídio.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



do surgimento dos jornais, como os conhecemos hoje, já se observava o interesse público por relatos de acontecimentos extraordinários.

De acordo com Traquina (2005), os primeiros registros remetem a Idade Média, com as folhas volantes. Elas funcionavam como uma entretenimento-notícia, atraindo o público da época pelo tom sensacionalista⁴ e narrativo, antecipando práticas que seriam observadas também no jornalismo contemporâneo. Essas práticas, de certa forma, perduram até o século XIX, onde existem reportagens que apresentam casos criminosos, de modo chocante, contribuindo para a construção de um show midiático em torno do crime, como o caso de Mary Rogers e Jack, o Estripador, apontados como marcos iniciais desse tipo de cobertura na imprensa.

Ao longo do tempo, e especialmente no século XX, a partir dessas narrativas jornalísticas, diferentes agentes, desde veículos de mídia até empresas e indivíduos, observaram oportunidades de transformar esses casos em produtos de consumo, como livros, séries, filmes, documentários e podcasts, transbordando a abordagem noticiosa feita pelo jornalismo e revelando a consolidação de um fenômeno histórico.

Essa condição nos tensiona a refletir sobre o papel da imprensa na espetacularização dos crimes. Como se dá a contribuição do jornalismo na transformação de casos criminais em produtos de entretenimento? De que maneira suas coberturas evidenciam marcas de espetacularização e, conseqüentemente, reforçam a construção de uma sociedade voltada para o espetáculo? Como percebemos as conseqüências desse transbordamento do jornalismo para o entretenimento?

Estamos cientes de que nem todas as perguntas podem ser respondidas neste artigo, por isso optamos por realizar um estudo inaugural da dinâmica da sociedade do espetáculo quanto às relações entre jornalismo e espetacularização no caso do

⁴Segundo Angrimani (1995, p. 16) sensacionalismo pode ser considerado uma abordagem editorial que apresenta a informação revestida de apelo emocional em relação a um tema (crimes, sexo, morte), uma “produção do noticiário que extrapola o real, superdimensiona o fato”.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



transbordamento das notícias sobre crimes hediondos, ao longo do século XX, com foco em uma pergunta principal: como esse processo pode repercutir no jornalismo — especialmente frente ao possível distanciamento da realidade — e na sociedade, em termos de impactos na identidade coletiva?

Para responder a esta pergunta realizamos uma revisão bibliográfica narrativa, de análise comparada entre matrizes teóricas. Já o recorte do nosso corpus, com função de materializar a evidência histórica desta dinâmica, reconstrói uma linha do tempo que marca a ocorrência desses crimes, destacando os de maior repercussão, convertidos em produtos de entretenimento audiovisual, para além da cobertura noticiosa, sobrevivendo à factualidade jornalística e expandindo-se no tempo.

2. METODOLOGIA

A revisão narrativa, principal método utilizado por esta investigação, considera o que diz Botelho et al (2011, s/p), ao afirmar que se trata de uma opção “utilizada para descrever o estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual”, recolhendo aspectos pontuais da teoria, pertinentes aos objetivos da pesquisa, investindo em sua dimensão fundamental em detrimento do esgotamento do tema ou seu estado de produção do conhecimento.

A análise comparada, por sua vez, consiste em uma perspectiva essencial para investigar fenômenos de caráter macrossocial, permitindo identificar regularidades e transformações (Vidal, 2013). Para o autor, a proposta vai além de uma técnica: representa uma forma epistemológica de abordar problemas e fenômenos sociais, oferecendo respostas a questões complexas por meio da comparação entre teorias, unidades ou eventos relevantes.

A combinação da revisão narrativa com a análise comparada se justifica pela necessidade de articular o referencial teórico sobre noticiabilidade (Traquina, 2005) e espetacularização (Debord (1997), ao mesmo tempo em que observamos o fenômeno



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



pela apresentação de casos históricos. Esta articulação nos permitiu lançar um olhar sobre suas possíveis repercussões, tanto para o jornalismo quanto para a sociedade, diante da manutenção contínua da dinâmica de transbordamento.

Dito isso, além do referencial já mencionado, ao longo da análise, ainda observamos a necessidade de um aporte teórico emergente, que encontramos nas noções de Cultura da Mídia apontadas por Kellner (2001), uma vez que observamos tratar-se de um processo em que o produto jornalístico se converte em matéria-prima para o produto de entretenimento. Assim, a análise foi orientada pelos fundamentos teóricos levantados, organizados em quatro operadores de observação: 1) marcas da espetacularização; 2) indícios do transbordamento; 3) repercussões para o jornalismo; e 4) repercussões para a sociedade.

O recorte do corpus foi definido com base nos casos de repercussão midiática, selecionados pelo seu impacto social e cultural no século passado, a partir do surgimento da mídia eletrônica, especialmente da televisão. A linha do tempo construída, com um exemplo por década, permite observar o transbordamento dessas narrativas do jornalismo para outros produtos de entretenimento audiovisual, como filmes e séries. Essa escolha possibilita analisar a continuidade da espetacularização de crimes hediondos ao longo do século XX, conectando os operadores de leitura definidos nesta pesquisa a regularidade de oferta, ilustrada pelos casos concretos que materializam esse fenômeno.

3. O JORNALISMO E A NOTICIABILIDADE

Karam (2014) ressalta que, mesmo em suas variadas e discutíveis formas, o jornalismo é imprescindível para o presente e o futuro da humanidade. Para o autor, a atividade jornalística possui potencial para promover o aprimoramento cotidiano das pessoas, uma vez que “é daí que elas extraem sensibilidade, movimento, opinião e



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



intervenção diante dos enormes e complexos conflitos não resolvidos pelo gênero humano” (Karam, 2014, p. 31).

Na mesma direção, Guareschi (2007) diz que a comunicação contemporânea participa ativamente da construção da realidade. O autor lembra que o jornalismo não apenas seleciona quais eventos serão visibilizados, mas atribui valor à realidade apresentada, definindo, em certo sentido, o que é considerado relevante ou marginal, bom ou ruim para a sociedade. Por isso, o desafio do jornalismo está na forma como os fatos são concebidos, hierarquizados e apresentados (Karam, 2014).

Considerando as diferentes visões sociais e ideológicas de quem os busca, é preciso tensionar o compromisso social da profissão, o que pode ocorrer na medida em que compartilharmos um conjunto de critérios, responsáveis por orientar o processo de seleção desses acontecimentos, tanto quando a sua edição. É sobre isso que Traquina (2005) se debruça, apontando doze valores-notícia orientadores das rotinas produtivas. Entre eles, a negatividade, a violência e a infração. Nesse sentido, o autor observa a relevância do crime como elemento noticioso, sobretudo aqueles marcados pela brutalidade.

O autor pontua que por um lado a cobertura jornalística sobre crimes é construída de maneira rotinizada e concisa, uma vez que o fenômeno é percebido como algo recorrente no cotidiano social. Por outro lado, destaca que determinados episódios conseguem romper essa previsibilidade por transgredirem a normalidade esperada. Crimes marcados por circunstâncias incomuns, com níveis elevados de violência, tendem a receber atenção ampliada por parte da mídia, contribuindo para um ciclo de visibilidade centrado no drama, na tragédia e na violência.

A escolha dos acontecimentos que “merecem” ser noticiados reflete não apenas critérios profissionais, mas também uma lógica social e cultural de valorização do espetáculo. Essa lógica vai ao encontro a análise de Debord (1997), que ajuda a compreender o processo de transformação da realidade em representação midiática.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



4. SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Para Debord (1997, p.14), o espetáculo é a relação social mediada por imagens, na qual fatos, produtos e experiências são transformados em representações que regulam a vida social. Portanto, “o espetáculo não é um conjunto de imagens”, mas uma relação entre pessoas, mediada por elas. A partir desta definição, o autor argumenta que a lógica do espetáculo cria a impressão de unidade e conexão. Contudo, essa união é apenas aparente, já que as pessoas não se relacionam diretamente, tem a imagem como intermediário, e assim permanecem isoladas e passivas, alienadas às representações que substituem a experiência real.

Para Debord (1997, p.18), o espetáculo funciona como uma vitrine que apresenta “algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível”. Nesse contexto, o discurso imagético se conecta à economia e, conseqüentemente, à cultura de consumo, que passa a controlar a vida social (o ser substituído ter), onde a mercadoria assume maior importância do que a essência, e o ser humano converte-se em “imagem”. Segundo o autor, o espetáculo é responsável por moldar desejos no ser humano, desejos que aparentam ser necessidades e que mantem a sociedade em um estado de “sono controlado”, embriagada. Nesse processo, afasta-se o indivíduo da realidade, num lugar onde sua percepção sobre o mundo e suas próprias vontades solidificam-se como num sonho. O autor afirma que “o espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada”, ou pelo menos o guardião desse sono (1997, p. 20).

À luz das reflexões de Debord (1997), eventos reais são transformados em imagens mediadas e consumidas socialmente. Deixam, assim, de ser apenas fatos e passam a se tornar produtos que moldam percepções e comportamentos, reforçando esse movimento de alienação do público, que consome essas histórias-imagens, mas que também é consumido por elas. Todo o processo social de espetacularização, mediado por imagens, como ressalta Debord (1967), passa indiscutivelmente pela



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



esfera midiática, integrando sua cultura. É nesse contexto que a Cultura da Mídia, aporte teórico emergente durante a análise, aprofunda as possibilidades de compreensão destes processos, convertendo narrativas criminais em entretenimento e consolidando padrões de consumo e identidade social.

5. CULTURA DA MÍDIA

A cultura da mídia é considerada por Kellner (2001) um dos principais agentes de influência na vida cotidiana. Segundo o autor, o conjunto de narrativas e imagens veiculadas pelos meios de comunicação, onde há uma centralidade da imagem, assim como também entende Debord (1967), molda a forma como as pessoas pensam, se comportam e constroem sua identidade. Embora a visão de Debord (1997) seja mais pessimista⁵, Kellner (2001, P. 307) parte do seu diagnóstico sobre as representações imagéticas como mediações sociais, e o amplia, lembrando que essas imagens também são campos de disputas simbólicas e ideológicas. “A cultura da mídia põe à disposição imagens e figuras com as quais seu público possa identificar-se, imitando-as. [...] Valorizam certas formas de comportamento e modo de ser enquanto desvalorizam e denigrem outros tipos”.

O autor ainda destaca a televisão como um dos principais veículos na construção do imaginário coletivo e da identidade, apontando que, ao mesmo tempo em que representa a realidade, constrói personagens-modelo que geram identificação e se tornam ícones a serem seguidos. Essa proposição é que justifica a nossa opção de recorte por produtos audiovisuais nesta pesquisa, marcadamente, a partir da década de 50, com a popularização da TV.

⁵ Ao ler a obra de Kellner (1995, p.54), Cultura da Mídia, observamos que as imagens midiáticas não são necessariamente fontes de isolamento e alienação. Elas também podem ser espaço de negociação. A cultura da mídia “ajuda a conformar nossa visão de mundo, a opinião pública, valores e comportamentos, sendo, portanto, um importante fórum de poder e luta social”.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Porém essa relação não acontece de forma rígida, funcionando não como uma imposição, mas pelo prazer proporcionado pelo entretenimento que, por sua vez, gera consumo. Assim o ser e o ter associam-se, moldando pensamentos, práticas e valores da sociedade, consolidado em padrões de comportamento. “As pessoas realmente modelam comportamentos, estilos e atitudes pelas imagens da televisão; os anúncios por ela veiculados de fato desempenham certo papel na manipulação da demanda do consumidor” (Kellner, 2001, p. 303).

Observamos a mesma dinâmica se instalar na cobertura de acontecimentos excepcionais, como crimes. Aparentemente, o produto jornalístico mantém o olhar do público voltado à realidade, enquanto o produto de entretenimento direciona a atenção para experiências imaginárias. Entretanto, conforme Nichols (2016), ao nos depararmos com uma narrativa articulada, muitas vezes afastamos a incredulidade em relação ao mundo que é apresentado, o que nos mergulha no estado de desligamento. Morin (2002) reforça essa percepção, quando fala sobre produtos da cultura de massa criados para estimular o prazer e o desejo, ancorados num mundo onírico (ou de sonhos, para dialogar com Debord [1967]).

No caso do jornalismo, essa dinâmica se manifesta na espetacularização de eventos reais, que são convertidos em produtos de entretenimento. As narrativas jornalísticas e seus desdobramentos midiáticos moldam percepções, transformando o crime em espetáculo e o espectador em consumidor. Como os casos da evidência histórica indiciam.

6. LINHA DO TEMPO

Como evidência histórica desse movimento que conecta jornalismo e consumo, notícia e espetáculo, propomos a construção de uma linha do tempo de casos de crimes hediondos que transitam entre esses campos, e que ocorreram a partir da segunda metade do século XX, exibida a seguir. Entretanto a relação do jornalismo com o



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



sensacional, enquanto evidência da natureza extraordinária que pauta os valores-notícia, é bem mais antiga.

Traquina (2005) lembra que, muito antes da consolidação do jornalismo como conhecemos hoje, é possível identificar essas características na produção noticiosa. Em 1541, temos o surgimento das chamadas folhas volantes, mencionadas anteriormente, criadas para atender à crescente curiosidade popular sobre os acontecimentos da época. Consideradas uma forma pré-moderna de jornal, elas já ofereciam algo além de informação, possuindo um caráter moralista e religioso, por meio de temas como milagres, catástrofes, abominações e eventos bizarros.

Para o autor essa prática pode ter contribuído para o aumento do interesse da população por homicídios e assassinatos. Esse fascínio se manifestava, principalmente, pelos relatos pessoais, escritos na primeira pessoa, dos assassinos, à espera da morte, transformados em versos e cantigas, revelando uma espetacularização precoce de crimes e a apropriação desses eventos como forma de entretenimento.

Avançando para o século XIX, apesar dos jornais apresentarem um caráter fortemente político, percebemos o surgimento das chamadas Penny Press, que mudaram esse cenário. Elas introduziram uma forma mais popular e sensacionalista de fazer jornalismo, e no final deste século, as notícias sobre “os tribunais, a polícia, os acontecimentos da rua, os acontecimentos locais”, acabaram culminando com “uma torrente de jornalismo sensacional” (Traquina, 2005, p. 55-56).

Na década de 1930 é lançado nos Estados Unidos o *New York Sun*, jornal que apresentava as notícias de forma mais acessível, e priorizava narrativas voltadas ao entretenimento do público, como histórias criminais e tragédias. Segundo Traquina (2005, p. 67), “o êxito foi espetacular: em menos de quatro anos o New York Sun vendia 30.000 exemplares diários, quinze vezes a tiragem dos meses de lançamento.”

Para reforçar essa cultura do sensacional, o autor ainda apresenta um estudo sobre os telejornais americanos, feito no final da década de 1960. Este estudo



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

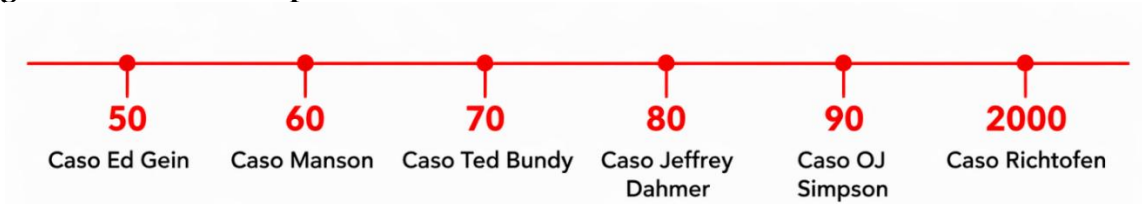
2026



demonstra que uma das categorias de acontecimentos que ganhavam maior destaque era a de “crimes, escândalos e investigações, que variavam entre 17% e 34%, nomeadamente nas revistas de informação” (Traquina, 2005, p. 68).

Aproximando as discussões do autor ao objeto desta investigação, mapeamos casos que exemplificam a cobertura sensacionalista da imprensa diante de casos hediondos e que tem o seu transbordamento para a esfera do entretenimento audiovisual. A linha do tempo nos dará suporte para observarmos esse movimento:

Figura 1: Linha do Tempo



Fonte: criado pelas autoras

A seguir, cada um desses casos receberá uma breve descrição construída a partir do acervo digital da EBSCO *Information Services* (Plataforma EBSCO, 2025), uma fornecedora internacional de bancos de dados de pesquisa acadêmica. A escolha por seu repositório permitiu que reuníssemos informações sobre quase todos os casos a partir de uma mesma fonte, estabelecendo certa padronização nos dados⁶. A única exceção é para o caso de Suzane von Richthofen, recente e brasileiro. Não encontrando informações nesta base de dados recorreremos a uma fonte jornalística: notícias publicadas sobre os fatos. Esses elementos estão organizados no quadro abaixo:

⁶ O volume de produção dos casos é fruto de um levantamento superficial em um motor de pesquisa da internet, a partir das palavras chaves do caso, nome do assassino e produções audiovisuais. Os resultados correspondem a configuração algorítmica do perfil do pesquisador e do período em que a pesquisa foi realizada. Nesse sentido, alertamos que pode haver um volume ainda maior de produtos, ou produtos não mapeados por esta pesquisa referentes a uma pesquisa mais pontual e profunda, que não fizemos, uma vez que os casos cumprem o papel de ilustração histórica do fenômeno.



Quadro 1 – síntese das informações contextuais de cada caso

Caso	Déc.	Local	Descrição do caso	Produções ficcionais encontradas
Ed Gein	1950	Plainfield, EUA	O “Açougueiro de Plainfield”, apelidado pela imprensa, era suspeito do assassinato de duas mulheres, e exumava cadáveres de cemitérios para utilizar seus restos mortais na criação de itens como móveis e roupas feitos.	Cerca de 6 produções. Destaque para <i>Psicose</i> (1960); <i>O Massacre da Serra Elétrica</i> (1974); <i>O Silêncio dos Inocentes</i> (1991).
Charles Manson	1960	Los Angeles, EUA	Ganhou destaque como líder de um grupo chamado “Família Manson”, formado por jovens. Após anos de prisão por diferentes delitos, orquestrou uma série de assassinatos em 1969, incluindo o homicídio da atriz Sharon Tate, grávida, esposa do diretor Roman Polanski.	Cerca de 11 produções. Destaque para <i>Era Uma Vez em... Hollywood</i> (2019), dirigido por Tarantino, e estrelado por Leonardo DiCaprio e Brad Pitt.
Ted Bundy	1970	Estados Unidos (aconteceu em uma abrangente área)	Bundy foi um assassino em série acusado de sequestrar e assassinar jovens mulheres. Ele ficou conhecido por seus métodos astutos, atraindo vítimas com facilidade e empregando violência física.	Cerca de 4 produções. Destaque para <i>Ted Bundy: A Irresistível Face do Mal</i> (2019). Foi interpretado por Zac Efron, ator de destaque entre adolescentes.
Jeffrey Dahmer	1980	Wisconsin, EUA	Chamado de “Canibal de Milwaukee” pela imprensa, foi um assassino em série e criminoso sexual, que atraía homens para sua casa, os drogava, agredia sexualmente e posteriormente os desmembrava, praticando necrofilia e canibalismo.	Cerca de 3 produções. Destaque para <i>Dahmer: Um Canibal Americano</i> (2022), que rapidamente ganhou popularidade, por suas cenas chocantes e explícitas.
O.J. Simpson	1990	Califórnia, EUA	Ex-astro do futebol americano. Indiciado pelos assassinatos de sua ex-esposa e um amigo dela. O crime ganhou repercussão pública devido a cobertura midiática 24 horas. Pela primeira vez, permitiram câmeras para gravar o julgamento.	Cerca de 2 produções. Destaque para <i>American Crime Story: O Povo Contra O.J. Simpson</i> , que dramatiza o julgamento. O filme traz no elenco John Travolta.
Suzane Von Richthofen	2000	São Paulo, Brasil	Segundo O Globo (2025) Suzane foi responsável por planejar a morte dos próprios pais, contando com a participação do namorado, Daniel Cravinhos, e do irmão dele, Cristian, em um crime que repercutiu amplamente no país.	Cerca de 2 produções. Destaque para o filme <i>A Menina que matou os pais</i> (2021), estrelada por Carla Diaz, e a série <i>Tremembé</i> (2025), onde é interpretada por Marina Ruy Barbosa.

Fonte: elaborado pelas autoras



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A construção desta linha do tempo busca ilustrar a regularidade com que o fenômeno da espetacularização ocorre, reconhecendo que existem inúmeros outros casos possíveis para abordagem e diversas formas de organizar esse percurso histórico. Entretanto, o objetivo de construí-la seria o mesmo, reforçar como esses casos, além de marcantes em seu tempo, continuam sendo reinterpretados décadas depois.

7. DISCUSSÃO: OS TRANSBORDAMENTOS MIDIÁTICOS

O trabalho de análise desta pesquisa se dá a partir da comparação entre os elementos da fundamentação teórica, ancorados pelas evidências históricas do fenômeno, onde observamos as marcas de espetacularização, o processo de transbordamento, as possíveis repercussões para o jornalismo e para a sociedade, olhando para o movimento que acontece entre o campo informativo e o do entretenimento.

Sob esta perspectiva um aspecto inicial que parece genuinamente saliente é o fato de que desde o princípio os crimes são apresentados pela imprensa como um drama coletivo, em que vítimas, criminosos e os demais envolvidos assumem papéis quase ficcionais, e a cobertura jornalística, que muitas vezes se estende por um longo período em cima do caso, já se transforma em algo semelhante a um seriado.

Não estamos afirmando aqui que o jornalismo é o único responsável pela precipitação do espetáculo, uma vez que concorrem com ele também o interesse midiático nesses temas, já que existe uma forte demanda de audiência que busca esse tipo de narrativa. Entretanto, a cobertura tende a construir personagens reconhecíveis, delineando heróis, vilões e vítimas, o que amplia o engajamento do público, gerando identificação emocional e produção de identidade, evidenciando **as marcas da espetacularização dos casos**.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÔNIMENTO

APOIO



A construção dos envolvidos como personagens quase ficcionais aparece, por exemplo, na forma como o Correio Braziliense se referiu a Suzane von Richthofen à época do crime (apud Bicalho e Reis, 2025). Expressões como “loura má” e “ela era uma pessoa dominada, era um cachorrinho, e estava apaixonada” mostram a oscilação narrativa que ora a posiciona como vilã, ora como uma jovem ingênua e vulnerável. Essa alternância reforça a lógica da espetacularização, na qual a imprensa atribui aos envolvidos papéis, contribuindo para a construção de personagens facilmente reconhecíveis pelo público, cujo estereótipo já foi representado na ficção.

Mais do que uma abordagem sensacionalista, que privilegia apelo emotivo e dramático, em detrimento da verificação e contexto dos acontecimentos, essas narrativas amplificam o fato. Centram-se na noção de tragédia e na repetição de imagens chocantes, frequentemente as mesmas (imagens de câmeras de rua, de elevadores, de flagrantes feitos pelo público ou pela vítima, de fotografias da cena do crime, ou ilustrações), que se esvaziam na mesma medida em que se repetem. Um exemplo disso, são as imagens do caso Richthofen captadas durante o velório e durante sua prisão, usadas pela cobertura e pela [reconstituição do crime](#), em looping.

Traquina (2005) nos mostra que certos critérios como negatividade, violência e o choque, particularmente os que envolvem brutalidade, mistério ou personagens socialmente reconhecíveis e estereotipados, tendem a ganhar maior visibilidade. Sua narrativa costuma despertar familiaridade com os personagens e, conseqüentemente, curiosidade sobre o que será veiculado a seguir. Kellner explica (1995): a mídia dita o que é interessante e deve ser repercutido. Além disso, a preocupação estética com as imagens, dilui ao longo do tempo a própria cena do crime ou o rosto do criminoso (já condenado, e recorrentemente, nestes casos, morto).

A história de Ted Bundy, em particular, a partir de uma rápida busca num motor de pesquisa utilizando o nome do assassino, revela dois aspectos relevantes sobre este fenômeno: 1) mesmo o jornalismo, faz escolhas estéticas pautadas nas histórias que



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



deseja contar, onde manchetes apontando o charme do assassino, aparecem associadas a imagens elegantes do criminoso; 2) se o leitor que busca a informação não for criterioso na escolha da fonte de pesquisa, facilmente confunde as imagens oriundas dos produtos de entretenimento, com as imagens do próprio assassino, esvaziando gradualmente sua conexão com o próprio acontecimento real, especialmente quando o produto do entretenimento está separado do fato, por décadas. Ted Bundy (1974 a 1978) era alguém de verdade ou é este personagem da “Irresistível face do mal” (2019)?

Podemos observar também entre os casos selecionados, com destaque para Ed Gein, o uso do suspense e a ênfase em detalhes descritivos das cenas retratadas. Esses recursos, aqui utilizados pelas narrativas jornalísticas, são normalmente vistos em produtos de entretenimento, mas reforçam a conexão da notícia com o sensacionalismo (caminho da espetacularização), conforme Angrimani (1995). Sua recorrência os converte em abordagem editorial, que reveste a informação de apelo emocional e tende a superdimensionar o fato. Traquina (2005) diz que o conteúdo, nesses casos, passa a ser produzido para gerar engajamento, transformando tragédia e o sofrimento em produtos de alto valor midiático, consumidos pelo público sob a forma de emoção, curiosidade, horror e empatia.

No caso de Ed Gein o apelido “Açougueiro de *Plainfield*”, atribuído pela imprensa da época, foi rapidamente assimilado pelo público (Mcmahon, 2014), contribuindo para consolidar uma narrativa midiática que extrapolou o fato criminoso em si. A associação entre esse rótulo e as representações visuais veiculadas pelos meios de comunicação, transformou o caso em um mito contemporâneo, que posteriormente serviu de referência para diversas produções audiovisuais antigas e recentes. Assim, a informação se transforma em experiência, e o acontecimento passa a ser visto como imagem a ser consumidas, processo que reafirma o que Debord (1967) propões em seu conceito, reforçando a alienação do público, que consome essas histórias-imagens, mas que também é consumido por elas.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Como consequência deste movimento, observamos o esvaziamento da densidade da informação jornalística, já que a prioridade deixa de ser informar de maneira efetiva o fato e passa a recair sobre seus aspectos mais impactantes, emocionais ou visuais, capazes de atrair o interesse dos espectadores. A narrativa, assim, é moldada para manter a atenção contínua do público, reforçando a lógica de espetáculo e se afastando do objetivo inicial. Pode ser precipitado apontar, mas acreditamos que o **transbordamento** já começa neste ponto, ainda dentro da cobertura jornalística que, pautada pelo sensacionalismo, também cria os personagens e seus nomes fictícios, os cenários, e a própria forma simbólica da violência.

A espetacularização dos crimes hediondos, mediada pelo interesse em audiência e engajamento, revela **impactos na prática jornalística**. A prioridade dada a elementos emocionais, chocantes ou visualmente impactantes modifica não apenas como o assunto é abordado, mas também intensifica a repetição de padrões sensacionalistas. Trata-se de um jornalismo mais orientado pelo espetáculo do que pela análise crítica e que promove um paradoxo entre a ética com a realidade e as demandas mercadológicas por audiência.

Ao olharmos para a linha do tempo, também percebemos que esse tipo de cobertura se mantém e se aprimora ao longo do tempo, configurando uma estética própria. Cria-se, assim, um repertório consolidado de estratégias narrativas, como por exemplo, a ênfase em detalhes macabros, a construção de personagens a partir de criminosos e a repetição de enquadramentos, que passa a orientar a forma como os crimes são apresentados ao público.

A continuidade desses padrões evidencia não apenas a lógica de noticiabilidade descrita por Traquina (2005), mas também a permanência da espetacularização como prática recorrente, como uma institucionalização do fazer jornalístico, reforçando a ideia de que a mídia não apenas registra, informa e pauta discussões sobre fatos, mas os molda, ressignifica e os insere no circuito social.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Para Debord (1997), esse é movimento na qual o real é transformado em imagem, reproduzido constantemente e consumido como entretenimento, afastando o público do seu referente. Um afastamento que se intensifica com a conversão do fato em ficção e seu apartamento do contexto de origem. Assim, quanto mais subprodutos ele gerar (filmes, livros, séries, camisetas, slogans, memes) menos conexão com o acontecimento real ele vai ter, gerando o seu gradual apagamento. Nesse sentido, esvazia-se também o papel do jornalismo, que apresenta esses acontecimentos não apenas por sua existência incidental, mas como expressão social, que deveria repercutir em nosso cotidiano como elemento crítico, mas que acaba artificializando essa experiência a partir das lógicas do consumo e do prazer.

Para Debord (1997) essa lógica se revela ainda na forma como os crimes são convertidos em narrativas dramáticas, com foco em elementos emocionais e visuais, que geram impacto e mantêm o público em estado de expectativa e espera, como um “estado de sono”, não necessariamente por uma novidade, informação adicional, mas pela reprodução da narrativa, na qual o sofrimento e o horror tornam-se parte do espetáculo e do cotidiano de um público cheio de curiosidade.

Essa dinâmica reforça o que Kellner (2001) denomina **Cultura da Mídia**. As narrativas jornalísticas se fundem com o entretenimento, se resignificando e proliferando, até distanciar-se do seu ponto de origem, o acontecimento jornalístico, e sua realidade concreta, onde os assassinos não são personagens da ficção reduzidos a estereótipos, e as vítimas não são números que se acumulam, até a morte não passar de mera expectativa da audiência, diante do próximo susto ou próximo mistério a ser desvendado. O caso de Ed Gein ilustra esta perspectiva. Entre as inúmeras adaptações audiovisuais produzidas a partir dele, estão três grandes sucessos de bilheteria.

O primeiro deles, *Psicose*, de Alfred Hitchcock (1960), foi filmado apenas 3 anos após as descobertas dos crimes (1957). Hoje o filme integra o conjunto dos clássicos do cinema, tanto pela assinatura de seu diretor, quanto pelas inovações narrativas que



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



produziu. *Psicose* é mencionado em memes nas redes sociais, sua trilha usada como referência para produções profissionais e domésticas, e a conhecida cena do chuveiro é uma referência visual para cenas de horror. Mas pouco se discute sobre a inspiração que sustenta esta história.

O massacre da serra elétrica (1974), de Tobe Hooper, lançado quase vinte anos após a descoberta dos crimes, também pode ser considerado um clássico. A narrativa transforma pessoas reais, vítimas de Gein, em um grupo de adolescentes que vão morrendo um a um pelas mãos de *Leatherface*, nome do assassino na história. A fórmula, usada no filme, popularizou-se e tornou-se modelo para inúmeras produções de terror que surgiram depois, alimentando o imaginário onde o corpo é um número na fila das execuções do serial killer, convertendo-se em objetos descartáveis. O que evidencia o apagamento das vítimas em detrimento do protagonismo dos assassinos, enquanto as histórias das vítimas muitas vezes são marginalizadas ou reduzidas a detalhes superficiais ao longo do tempo.

O caso Manson também evidencia uma dinâmica comum na cultura da mídia, onde cada produto, do jornalismo ou do entretenimento, pode gerar subprodutos, diante dos quais a própria imagem do caso se flexibiliza, transformada conforme a necessidade da produção. Identificamos 11 produtos audiovisuais que fazem referência direta ou falam sobre a “família Manson”. Essas obras vão desde narrativas complexas centradas em contar a formação do grupo de jovens e suas práticas, até menções pontuais em episódios de outras produções, como em *Mindhunter* (2017), da Netflix.

Observamos dois elementos importantes dentro da lógica desta cultura e da transformação das representações: 1) a capacidade de adaptação dessas narrativas, convertendo-se no produto do momento, sempre que necessário; e 2) o deslocamento do personagem de seu contexto. Manson integrou animações, como um episódio de *South Park* (1998), um programa de humor, onde foi o colega de cela do tio de um dos



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



protagonistas; em outra ocasião teve uma de suas músicas gravadas pela banda Marilyn Manson, nos anos 1990.

Por isso dizemos que há também influência na **construção de identidades**, uma vez que a lógica da espetacularização molda, não apenas a forma como os fatos são narrados, mas como são percebidos pela sociedade. As imagens e lógica narrativa construída por esse filme, por exemplo, serão referência para inúmeras leituras de realidade e formulação de subjetividades (como o modelo de jovem e de perigo oferecido pelos filmes, como o estabelecimento do que é normal ou anormal em determinado cenário ou grupo). No entanto, trata-se de uma realidade sobre esses assassinatos, mas não apenas esses, que passa a ser construída a partir de um clichê reducionista e reproduzível, que a cada passo se distancia mais da materialidade do fato, e suas reais repercussões para a sociedade.

Kellner (2001) destaca que a Cultura da Mídia oferece modelos com os quais o público se identifica, internalizando papéis, comportamentos e imaginários. Um exemplo disso é o caso de Ed Gein: a cidade de Plainfield, tradicionalmente reconhecida como um lugar humilde e acolhedor, conforme aponta Carrabine (2008 apud McMahon, 2014), teve sua imagem profundamente alterada após a repercussão dos crimes. A associação direta entre o município e o assassino, reforçada pelo apelido atribuído a ele pela imprensa, contribuiu para que Plainfield fosse descrita internacionalmente como um espaço sombrio, a “cidade do horror”.

Para Hall (2006), essas representações não apenas descrevem identidades, mas as produzem. Ao atribuir determinados sentidos à violência, ao desvio ou à marginalidade, a narrativa participa ativamente da formação de identidades individuais e coletivas, orientando a forma como determinados grupos ou situações podem ser percebidos socialmente. O caso O. J. Simpson ilustra essa conclusão: ainda que os fatos envolvidos sejam de natureza individual, a cobertura da imprensa transformou o episódio em um debate racial amplo, que foi para a esfera do



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



entretenimento, articulando discursos que extrapolam o sujeito e incidem sobre categorias sociais mais amplas.

Do ponto de vista do jornalismo, esse cenário cria tensões significativas. A busca por audiência, somada à demanda social por narrativas envolventes, parece pressionar a prática jornalística a se aproximar de estratégias típicas do entretenimento, fragilizando a ética profissional e comprometendo a responsabilidade social da informação. Dessa forma, a violência é transformada em produto, os sujeitos envolvidos nos casos tornam-se personagens. Mais do que isso, muitas vezes as vítimas viram estatísticas em detrimento do protagonismo dos assassinos, e o público se transforma em um consumidor ávido dessas narrativas dramáticas.

Essas características produzem uma dinâmica cíclica e retroalimentar, própria da cultura da mídia, na qual o crime é transformado em narrativa dramática, se torna produto cultural e passa a moldar identidades e percepções sociais, reproduzindo-se continuamente. Assim, ocorre um transbordamento da produção jornalística para os produtos de entretenimento, e esses alimentam novamente a produção jornalística, uma vez que a produção de filmes, séries, e outros tipos de produtos, reacendem o interesse pelo tema, que volta flexibilizado e ressignificado aos portais de informação e páginas de jornais. Nesse processo os acontecimentos reais aparecem misturados ao mundo das celebridades, ao consumo efêmero, fazendo com que imagens e narrativas sobre os fatos e suas reconstruções ficcionais se confundam cada vez mais.

Compreender essa dinâmica permite entender como o crime deixa de ser apenas um fato a ser noticiado e passa a integrar um circuito mais amplo de produção de sentido, no qual o jornalismo, os produtos de entretenimento, a cultura midiática e as formas contemporâneas de identidade se entrelaçam, permitindo vislumbrarmos a complexa relação entre espetáculo, informação e sociedade.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A partir da análise comparada, foi possível observar que a representação midiática desses crimes não apenas informa, mas também molda sentidos, interpretações e percepções coletivas, de forma que o transbordamento desloca o acontecimento do campo factual para o campo do entretenimento, simbólico e cultural. Vítimas, criminosos e cidades são transformados em personagens, e os fatos passam a integrar uma lógica dramática que enfatiza o suspense, o choque e o emocional. Esse movimento nasce no jornalismo que evidencia a permanência de padrões com abordagem sensacionalistas e de estratégias narrativas que aproximam-o do espetáculo, mas essa espetacularização se mantém e se aperfeiçoa ao longo das décadas, na medida em que transforma-se em produto de entretenimento replicável. Assim, crimes reais passam a circular no imaginário coletivo mais como narrativas audiovisuais e produtos culturais do que como acontecimentos concretos. Esse processo resulta no distanciamento do público em relação ao fato empírico, e aproxima-se do estado de alienação descrito pelo autor, no qual o acontecimento se converte em mercadoria simbólica, muitas vezes esvaziando o debate público que poderia resultar num movimento efetivo de intervenção e mudança social.

Por fim, o estudo, considerando suas limitações, reforça a necessidade de uma prática jornalística que reconheça seu impacto e se comprometa com um exercício informativo menos pautado pela lógica da espetacularização e pelo consumo e mais orientado pela responsabilidade social, pela contextualização e pela preservação do vínculo entre acontecimento e realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGRIMANI, Sobrinho Danilo. **Espreme que sai sangue**. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BICALHO, L. M. A.; REIS, F. L. C. **Suzane Von Richthofen**: cruelmente “interessada, inteligente e aplicada”. *Ciência e Informação*, Goiânia, GO, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/80933/42012>. Acesso em: 2 dez. 2025.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



BOTELHO, L. L. R. e outros. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 121–136, 2011. DOI: 10.21171/ges.v5i11.1220. Disponível em: <https://ges.face.ufmg.br/index.php/gestaosociedade/article/view/1220>. Acesso em: 4 dez. 2025.

BRASIL. **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios**. Crime hediondo. TJDFT – Direito Fácil, [s.d.]. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/crime-hediondo>. Acesso em: 03 dez. 2025.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. 4. ed. Rio De Janeiro: Contraponto, 1997. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2025.

EBSCO. **Research Starters**, [s.d.]. Disponível em: <https://www-ebSCO-com.translate.goog/research-starters/history/ed-gein>. Acesso em: 03 dez. 2025.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia e democracia: o quarto versus o quinto poder**. Revista Debates, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 6-25, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/2505/1286>. Acesso em: 25 out. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOHNSON, E. **OJ Simpson murder case**. EBSCO – Research Starters, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ebsco.com/research-starters/law/oj-simpson-murder-case>. Acesso em: 03 dez. 2025.

KARAM, Francisco. **Jornalismo, ética e liberdade**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 25 out. 2025

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: a edição do novo milênio**. Tecnologia e Linguística: revisão técnica Arão Sapiro. 1ª edição. São Paulo, SP : Prentice Hall, 2000.

MCBRIDE, E. **Turismo revive Jack, o Estripador em Londres e incomoda moradores**; entenda. CNN Brasil, 14 set. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/viagemgastronomia/viagem/turismo-revive-jack-o-estripador-em-londres-e-incomoda-moradores-entenda/>. Acesso em: 14 set. 2025.

MCMAHON, J. **Not so black and white: media coverage of the Ed Gein homicides**. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em:



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



https://minds.wisconsin.edu/bitstream/handle/1793/70262/McMahon_Fall2014.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 03 dez. 2025.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX**, Vol. 1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Monica Saddy Martins. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2016. Disponível em: <https://archive.org/details/IntroduoAoDocumentrioBillNichols/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 03 dez. 2025.

O GLOBO. “**Tremembé**”: Suzane von Richthofen foi presa por tramar morte dos pais: “Estraguei minha vida”; relembre. O Globo, 4 nov. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/noticia/2025/11/04/tremembe-suzane-von-richthofen-foi-presa-por-tramar-morte-dos-pais-estraguei-minha-vida-relembre.ghtml>. Acesso em: 2 dez. 2025.

SEVER, B. **Charles Manson**. EBSCO Research Starters. Disponível em: <https://www.ebsco.com/research-starters/history/charles-manson>. Acesso em: 30 out. 2025

THE MYSTERIOUS **Murder of “Cigar Girl” Mary Rogers**, 1841. HistoricalCrimeDetective.com. Disponível em: <https://www.historicalcrimedetective.com/ccca/the-mysterious-murder-of-cigar-girl-mary-rogers-1841/>. Acesso em: 14 set. 2025

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: volume 1 – por que as notícias são como são. Florianópolis, SC: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: volume 2 – a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis, SC: Insular, [s.d.].

VIDAL, Josep Pont. **Metodologia comparativa e estudo de caso**. Papers do Naea, Belém, n. 308, 2013.